



DOSSIÊ MEMÓRIA, CONFLITO E TRAUMA

Anna Paula Soares Lemos

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

O Grupo de *Pesquisa Imagens, Memórias e Narrativas Oníricas (IMAGEMNO)*, juntamente com o *Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes*; o Departamento de Comunicação da Escola de Ciências Sociais Aplicadas, e a Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (**PROPEP**), vinculados institucionalmente à Universidade do Grande Rio, **UNIGRANRIO**, promoveu nos dias 6 e 7 de novembro de 2016, com apoio da FAPERJ, o seu **Primeiro Seminário Internacional**, sobre o tema **Memória, Conflito e Trauma**. O evento contou com a participação de representantes de diferentes áreas do conhecimento, conjugadas em torno de pesquisas com a temática da imagem como elemento central de reflexões sobre a trajetória marcante da humanidade ao longo dos últimos tempos.

Com esse fito, o de requalificar problemas gerais e favorecer contraste com questões imediatas, pensou-se em uma reunião atenta ao horizonte amplo da violência em escala global. Tomando como ponto de partida o drama do Holocausto e suas projeções, a temática geral se abriu para situações de conflitos e suas marcas, expressos em diferentes quadrantes, em particular na África e América Latina/Brasil. Na Conferência de abertura, proferida pela Sra. Teresa Wontor – responsável pelo Memorial de Auschwitz na Polônia – abordou-se o significado dos campos de concentração, em particular a relevância trágica de Auschwitz e suas projeções. Em paralelo a esse destaque, foi colocada ao público a exposição **Imagens do Holocausto** do fotógrafo Frederico Adolfo Schiffer Junior e curadoria de José Carlos Sebe Bom Meihy.

Nesta edição da Revista Magistro, reúnem-se artigos que registram por escrito algumas das palestras apresentadas no Seminário Internacional. Inaugura-se, assim, sob o título *Memória, Conflito e Trauma*, a linha editorial da revista dedicada a dossiês temáticos.



Para José Carlos Sebe Bom Meihy, autor do texto de abertura do seminário e oportuno para iniciar esta edição, os conflitos e traumas do mundo contemporâneo estão condicionados às seguintes questões: “o mundo melhorou? Avançamos? Legaremos para o futuro uma sociedade mais constituída? Afinal, o que dizer frente à coleção de desafios que inscrevem nosso lugar no mundo e a atuação acadêmica em uma sociedade que preza o conhecimento e a crítica?”. E, surpreende ao concluir: “Sim, o mundo já foi bem pior, creiam”.

Teresa Wontor, responsável pelo Memorial de Auschwitz na Polônia, concorda: o mundo já foi bem pior e é preciso lembrar para não repetir. Na sua conferência na abertura do Seminário, traduzida por Frederico Adolfo Schiffer Junior, ela narra as impactantes histórias dos judeus nos campos de concentração. Recolhe com essas narrativas e o choque que provocam, o que Theodor Adorno chamou de *inenarrável*.

A arte, com suas imagens e narrativas estéticas, mostrou-se como documento histórico de memória nas comunicações sobre literatura e cinema projetadas nas cenas sobre conflitos e traumas na África e América Latina. “DAS TELAS DE CINEMA À TERRA QUE SE FAZ TINTA: UNGULANI BA KA KHOSA ENTRE AS ESTÓRIAS DE MOÇAMBIQUE E A HISTÓRIA MOÇAMBICANA” foi o tema da palestra proferida e do artigo escrito por Vanessa Ribeiro Teixeira. Aproveitando-se dessa intrigante trama, ela reflete sobre as formas singulares de transfiguração artística da realidade moçambicana que costuram o discurso diegético de *Entre memórias silenciadas*, o mais recente texto de Ungulani Ba Ka Khosa.

Erica Cristina Bispo, em ”MEMÓRIA, TESTEMUNHO E TRAUMA EM TONY TCHEKA - pseudônimo poético de Antonio Soares Lopes Júnior, jornalista, editor, poeta e crítico literário guineense – volta-se para a relação do povo guineense com as próprias emoções. Em suas palavras, “chorar” e “cantar” estabelecem uma relação simbiótica na qual canta-se o choro e chora-se o canto. O choro, nas culturas guineenses, além de ser uma expressão emocional, é o nome dado aos diferentes rituais funerários. Ou seja, a alusão no poema não se limita ao choro no sentido comum de “verter lágrimas”, mas amplia-se para lamentar a morte ou a perda definitiva”.

Ainda no contexto das imagens da *África lusófona*, Maria Geralda de Miranda, em CINEMA AFRICANO: ESPAÇO DE CRIAÇÃO ESTÉTICA, lembra que “estudar o cinema nacional de Angola, Moçambique e Guiné Bissau apresenta-se, primeiramente,



como possibilidade política de construção, por via tecnológica, performática e narrativa de discursos representativos dessas nacionalidades. Permite também deixar emergir estéticas novas, novas maneiras de pensar e representar o mundo. Vale ressaltar, todavia, que na atualidade há uma proliferação de discursos e imagens sobre todos os assuntos e “tribos”, veiculados pela web, e que os produtores de cinema em África não estão isolados do resto do mundo”.

Migrando para a América Latina, Angela Maria Roberti Martins e Ingrid S. Ladeira de Souza, no artigo O TEMA DA GUERRA EM IMAGENS NA IMPRENSA ANARQUISTA: “LENDO” ALGUMAS GRAVURAS (1906-1917), atentam para a linguagem gráfica dos anarquistas nos seus periódicos em circulação no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, no período entre 1906 e 1917. Em suas análises compreendem que “o exercício crítico de leitura dessas imagens volta-se para problematizar o discurso contestatório e o imaginário sobre a guerra, de modo a compreender não só a experiência social dos militantes, mas, também, a construção de significados e a demarcação de sensibilidades que os identificava, diferenciava e definia”.

Com a poesia dos textos de Suzana Costa da Silva e Idemburgo Frazão Felix encerra-se o dossiê. NO artigo A TEMÁTICA DA GUERRA NO MODERNISMO BRASILEIRO: UMA POÉTICA BÉLICA?, Frazão Felix interpreta três poemas escolhidos, das autorias de Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, sobre a presença da guerra enquanto temática importante não apenas como repúdio e crítica, mas, principalmente, como propulsora de ações e criações artísticas no segundo modernismo brasileiro (1930-1945). Sem perder o tom poético, Suzana Costa da Silva apresenta a complexidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade em *SENTIMENTO DO MUNDO*, A POESIA SOCIAL DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Em suas palavras “a complexidade das poesias Drummondianas se encontra em um profundo dilema entre o ser individual e o coletivo, entre os problemas pessoais e do mundo”.

Com este dossiê pretende-se colaborar com as iniciativas acadêmicas de valorização dos vínculos entre imagens e textos, promovendo e atualizando formas de discussão sobre aspectos que implicam o uso de técnicas modernas de produção do conhecimento. Buscou-se, na mesma medida, o entendimento de temas que dialogaram



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

de diversas formas com a configuração do mundo contemporâneo, de modo a somar no debate sobre a universalização da violência e suas consequências.

Boa leitura!